

Adolescência, violência e a família na cultura atual

Técnicas de trabalho grupal e familiar

Ruth Blay Levisky¹

“Não se pode **ser** sem rebeldia. A tarefa dos pais e educadores é ajudar o adolescente a encontrar um sentido produtivo e criador para a sua rebeldia.”

Paulo Freire

A rebeldia, própria do desenvolvimento adolescente, geralmente é uma busca de auto-afirmação. Incrementada pela cultura atual, esta irreverência pode gerar violência e transgressão. Um dos objetivos deste encontro é buscar modos de auxiliar o adolescente a transformar a violência em algo criativo e produtivo para ele e para a sociedade.

Winnicott, psicanalista inglês, diz que um jovem torna-se delinquente, quando algo em sua vida lhe faltou. Este ato é a comunicação e o seu grito desesperado para ser ouvido e olhado. O autor acrescenta ainda, que onde existe um jovem é preciso ter um adulto para confrontá-lo.

Mas, quem merece ser ouvido e olhado é somente o adolescente? E a família onde se insere neste contexto? E a sociedade?

Estas reflexões levam a indagar que fatores estariam colaborando para este desamparo crescente na sociedade!

Para dar substrato a estas questões, penso ser imprescindível discutir a partir de uma compreensão psicanalítica, os seguintes aspectos:

1. Psicóloga, terapeuta de casal e família, doutora em genética humana (USP), Membro Efetivo do Núcleo de Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares. Membro Efetivo da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo.

1. tipos de grupos e de dinâmicas grupais com jovens, casais e famílias;
2. formação de profissionais habilitados para o trabalho grupal;
3. relação entre violência, adolescência, família e cultura atual.

Sabe-se que o homem é um ser gregário; o sentimento de grupalidade é intrínseco e inerente à natureza humana. Ele precisa do outro para se desenvolver e para existir. Mas, ao mesmo tempo que isto é imprescindível, sabemos como é difícil viver em grupo! Por quê?

Não deve ser mera coincidência que na história da humanidade, logo depois de Adão foi criada a figura feminina Eva, a constituição do primeiro modelo de casal. Durante muito tempo, a idéia de família esteve centrada na relação da continuidade entre pais e filhos, e da espécie. Casar-se era promover a continuidade da família. Nos dias atuais, com a inseminação artificial, barriga de aluguel, o conceito de paternidade sofre transformação.

O casal nem sempre é o gerador da instituição família, hoje tão modificada em sua estrutura, e difícil de ser conceituada. Sabe-se na cultura contemporânea, que a família não se restringe apenas a um agrupamento de indivíduos unidos por laços de consangüinidade. Várias mudanças tem contribuído para esta transformação: famílias reconstituídas, fruto de novas uniões originadas pelo crescente aumento do número de divórcios; mães solteiras hoje consideradas como constituindo famílias; casais de homossexuais, são modalidades que fazem parte do Pós-moderno, e que já são denominadas como novas famílias. O novo código civil recentemente aprovado, trouxe outras modificações: filhos adotivos tem os mesmos direitos legais que os legítimos; foi abolido o pátrio poder, dando direitos e deveres semelhantes ao homem e a mulher; o marido pode optar pelo sobrenome da esposa, e algumas outras reformulações, como expressão de mudanças de mentalidades.

A família, mesmo dentro deste conceito ampliado, é o primeiro grupo que o ser humano pertence e tem além da função biológica, a social.

Portanto, 2o meu propósito é discutir algumas questões gerais ligadas à dinâmica e constituição de grupos, para depois especificar mais detalhadamente o trabalho com famílias e casais e suas relações com a violência.

1. TIPOS DE GRUPOS E DE DINÂMICAS GRUPAIS COM JOVENS, CASAIS E FAMÍLIAS

A psicoterapia grupal é calcada em conhecimentos oriundos da psicologia, das ciências sociais, da antropologia, da cibernética e teoria das comunicações.

Vários vértices podem ser considerados para se fazer uma classificação de grupos: abertos, fechados, homogêneos, heterogêneos, sociais, espontâneos, terapêuticos, e outros mais.

Os grupos abertos tem como finalidade, não colocar limitações com a entrada e saída de participantes, uma vez iniciado o trabalho. Já nos grupos fechados não ocorre esta flexibilidade.

Consideramos um grupo homogêneo, quando seus participantes tem um interesse comum a ser trabalhado. Podemos citar como exemplos: grupos de diabéticos, de obesos, de alcoólatras, etc. Já os heterogêneos se compõem por indivíduos que apresentam questões diversas a serem compartilhadas: grupos psicoterápicos, de casais, famílias, institucionais etc.

Os grupos espontâneos podem ter uma forte ligação com a busca de uma inserção social e /ou identificatória, como as gangues de adolescentes, os fãs clubes, as seitas religiosas, etc.

Como se pode perceber, não é tarefa simples fazer uma classificação grupal. Esta vai se diferenciar, dependendo da ótica que se parte, e do embasamento teórico que rege o seu funcionamento. Se partirmos do critério de saber qual a finalidade que leva seus componentes a se reunirem em grupos podemos classificá-los em: grupos operativos e psicoterápicos (Zimerman, 1997).

GRUPOS OPERATIVOS

Pichon Rivière (1977) foi o grande especialista em grupos operativos. Eles se caracterizam por serem formados por grupos de pessoas que se reúnem para discutir e trabalhar numa tarefa determinada, e não tem um objetivo psicoterápico direto. O coordenador de grupos operativos tem o papel de centralizar os encontros somente na tarefa proposta, a não ser que fatores inconscientes, defensivos possam estar interferindo no funcionamento do grupo. Somente nesta situação, cabe a ele interpretar esta dinâmica, para voltar ao objetivo inicial do grupo. Os grupos operativos são usados em diversas áreas

as: comunitárias, ensino-aprendizagem, institucionais, etc. Os grupos operativos podem adquirir um caráter terapêutico, quando indivíduos se reúnem diante de situações que se identificam entre si, com a idéia de se fortalecerem e se ajudarem. São os denominados grupos de auto-ajuda.

Podemos citar os Alcoólicos anônimos, grupos ligados à informações preventivas na área da saúde, entre outros mais. São grupos, quando bem orientados, de um importância primordial, pois abrangem grande parte da população.

Esta modalidade grupal merece uma atenção especial neste encontro, pois é a que normalmente é utilizada nas organizações não governamentais (ONG), e grupos de ação comunitária .

GRUPOS PSICOTERÁPICOS

Esta é uma divisão didática, no sentido de uma tentativa de exposição mais clara dos conceitos. Digo isto, pois os grupos operativos acabam tendo efeitos psicoterápicos, embora não seja o seu objetivo primeiro. É uma consequência indireta do processo.

Os grupos psicoterápicos podem ser homogêneos ou heterogêneos, abertos ou fechados, dependendo do referencial teórico que está embasado. Sua finalidade principal é criar um acolhimento das angústias e um espaço mental para o pensar, para o conhecimento de si próprio e para alcançar uma economia psíquica diante dos conflitos. Geralmente, os indivíduos buscam uma psicoterapia para alívio de uma dor mental (ansiedades, depressões, insônia , dificuldades de relacionamento) que os impedem de suportar o viver de modo satisfatório.

Os grupos psicoterapêuticos estão embasados em algumas linhas teóricas: psicanalítica, psicanálise das configurações vinculares, psicodramática, sistêmica e cognitiva-comportamental.

GRUPOTERAPIA PSICANALÍTICA

A grupoterapia psicanalítica ou grupo-análise, trabalha a partir do vértice do inconsciente, da análise e interpretação de conteúdos internos, de vivências primitivas, e dos vínculos formados no aqui e agora da dinâmica grupal. Procura tornar consciente aspectos defensivos, projetivos que interferem e bloqueiam o funcionamento do grupo, e conseqüentemente, o viver em grupo e no grupo.

Freud, pai da psicanálise, já dizia que a psicologia individual e a social não diferem em sua essência. Em *Totem e Tabu* discute a idéia que todo ser humano possui em seu inconsciente um dispositivo capaz de captar e interpretar as expressões do inconsciente do outro, ou seja, uma comunicação de inconsciente para inconsciente.

Baseado nisso, Kaés e col. (1996) dizem que não existe psique humana sem linguagem, e que a palavra do indivíduo representa a das gerações que o precedem. Os autores pensam existir uma necessidade intrínseca do ser humano em transmitir, para uma busca de garantia de sobrevivência, ou também de imortalidade. É uma defesa inconsciente contra a morte, contra o desconhecido. Com isto entramos para discutir o significado emocional que tem a cultura, a transmissão dos valores, a moral, a ética, os nomes próprios e sobrenomes através das gerações. São questões que surgem com frequência nas análises individuais, grupais e familiares. São necessidades narcísicas, da vaidade humana, que levam o ser humano à busca de um pertencer a uma família, a um grupo profissional, esportivo, a uma pátria. É o que se denomina de sentimento de pertença ou de pertinência. Este sentimento surge e se desenvolve através da maneira como os vínculos afetivos são formados, e está presente tanto nos grupos quanto nas famílias, com qualidades distintas. Irei aprofundar as questões dos vínculos um pouco mais adiante, no tópico referente à psicanálise das configurações vinculares.

Quando nos referimos a trabalhos psicoterapêuticos de base psicanalítica não podemos deixar de lembrar de Bion, que escreveu “Experiências com grupos”, fruto de sua vivência profissional com enfermos durante a Segunda Guerra Mundial.

Bion (1970) entende que os grupos funcionam em dois níveis: um consciente, que denominou de grupo de trabalho, e outro inconsciente, o dos pressupostos básicos. Os pressupostos básicos seriam defesas inconscientes que permeiam a dinâmica grupal, que vão contra a realização do grupo de trabalho. Os pressupostos básicos são identificados: através de uma relação de dependência que pode se estabelecer entre os membros do grupo e o terapeuta; pela vivência defensiva do grupo de lutar e fugir diante de uma idéia; pela formação de pares, com fantasias idealizadas, messiânicas projetadas na figura do analista ou de outro membro do grupo. Qualquer destes pressupostos são obstrutivos quanto a capacidade do grupo pensar, desenvolver um conhecimento, e poder alcançar um “insight”. O grupo fica paralisado, formando conluios

inconscientes, com a finalidade de evitar o sofrimento de entrar em contacto com a realidade.

Foulkes (1967), Grinberg e col. (1961) e Anzieu (1978) são psicanalistas que contribuíram para a compreensão do funcionamento grupal. Trazem a idéia de que o grupo é o representante psíquico de um indivíduo, o aparelho psíquico grupal, e que as interpretações deveriam ser grupais, pois desta maneira atingiriam ao indivíduo e ao todo. Outros grupanalistas entendem que existe além de uma matriz grupal que exprime a totalidade do grupo, momentos individualizados, onde aquele membro do grupo merece uma atenção especial. É interessante que a interpretação individual no grupo acaba sendo novamente incorporada pelo grupo.

Acho importante salientar que em minha experiência psicanalítica com grupos e famílias, a livre associação das fantasias de um membro, desperta associações em outros que se identificam, e torna este trabalho muito rico em vivências. Numa análise individual talvez algum destes materiais nunca surgiria, ou levaria muito mais tempo para aparecer. Não tenho intenção de comparar estas duas formas de psicoterapia, pois são diferentes e apresentam cada uma especificidades próprias.

O número de sessões é em torno de duas a três por semana, sem prazo para término do trabalho. Geralmente os grupos são constituídos por seis a dez pessoas, com um a dois terapeutas, em sistema de cooterapia.

PSICANÁLISE DAS CONFIGURAÇÕES VINCULARES

Baseia-se nos conhecimentos psicanalíticos, embora tenha um olhar não só para o plano intrasubjetivo (mundo inconsciente), mas para o intersubjetivo (dos vínculos estabelecidos entre os indivíduos) e para o transubjeivo (da cultura).

Esta abordagem nasceu com um grupo de psicanalistas argentinos (Puget, Berenstein, Bernard) que trabalham tanto com grupos quanto com famílias neste enfoque. Para eles, além do conteúdo inconsciente das comunicações, é fundamental a percepção dos vários tipos de vínculos que se formam. Estes geralmente representam estruturas primitivas da mente, e aparecem nos vínculos, através de mecanismos de defesa sob a forma de dependência, de controle ou de fuga. Por vezes são vínculos de natureza simbiótica (uma fusão das partes, com dificuldade para a percepção da individualidade), ou parasitária (um não sobrevive

sem o outro, embora a individualidade esteja mantida). São qualidades vinculares que podem ter um caráter de prazer perverso (não consigo viver junto, mas também não agüento me separar; se ela morre, eu morro também).

A influência do meio ambiente, da cultura também é considerada no movimento grupal; além do interno temos junto o externo para ressignificar e dar um novo olhar, visto de uma outra perspectiva.

A formação de vínculos se estrutura a partir de acordos e pactos inconscientes entre as pessoas, que por sua vez influenciarão as escolhas dos parceiros. A construção de um vínculo passa pela representação do mundo inicialmente através do corpo, do toque, do olhar. Em seguida, pelo reconhecimento da existência de um outro, e posteriormente pela capacidade de comunicação com este outro. A qualidade dos vínculos está ligada às experiências emocionais vivenciadas nas primeiras relações afetivas.

PSICODRAMA

Este método terapêutico foi criado e desenvolvido por Moreno, em 1930. Através do recurso da dramatização é possível atingir estágios primitivos do desenvolvimento, o reconhecimento do eu e do outro, num cenário montado pelo grupo, dirigido por um diretor e por um ego auxiliar. Parte-se da técnica de duplas, para passar para a de espelho, etapa onde ocorre o reconhecimento de si próprio. A terceira etapa, a da inversão de papéis, permite ao sujeito se colocar no lugar do outro.

Existem técnicas que se utilizam dos recursos psicodramáticos, como o psicodrama pedagógico, além das psicoterapias de base psicodramática.

MODELO SISTÊMICO

É um modelo de terapia familiar baseado na Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida inicialmente por Bertalanffy (1972) e na Cibernética.

Esta escola parte da idéia de que a família representa um sistema, onde os comportamentos e ações de um dos membros influenciam e também são influenciadas pelos comportamentos de outros (Calil, 1987).

Geralmente, quando uma família busca ajuda psicoterápica, é em função de um de seus componentes estar com problemas, “doente”.

Este é denominado paciente identificado, e é considerado na linha sistêmica, como o depositário dos conflitos familiares. A doença é considerada pelo pensamento médico, como tendo uma causa linear, enquanto que na epistemologia sistêmica, ela adquire um conceito de circularidade, onde o todo não representa nem um começo, nem um fim. Hipócrates já dizia que todas as partes de um organismo formam um circuito, onde toda a parte é começo e fim. Este princípio também é utilizado pela Medicina Psicossomática. Com isto elimina-se a culpa de alguém ser o responsável pela transmissão do sintoma, e os membros da família buscam a compreensão da co-responsabilidade. Algo na psicodinâmica da família está propiciando este fenômeno.

MODELO COGNITIVO-COMPORTAMENTAL

Parte da idéia de que todo estímulo provoca uma resposta. Os comportamentalistas (“behavioristas”) entendem que é necessário haver uma reeducação ao nível consciente dos problemas, um treinamento para alcançar os objetivos, e propiciar posteriormente, uma mudança na forma de viver. Usa-se esta técnica com pacientes portadores de deficiência mental, na drogadicção, e em pacientes obesos.

GRUPOS DE FAMÍLIAS E DE CASAIS

Deixe para o final o trabalho grupal com casais e famílias. Dependendo da finalidade e da formação profissional, será escolhida a técnica a ser utilizada e a linha teórica, para a compreensão dos fenômenos mentais.

Ackerman foi o precursor da terapia familiar de base psicanalítica. Nesta abordagem acredita-se que o casal ou a família são resultantes de um processo histórico e linear, onde a estruturação mental tem origem nos processos onto e filogenéticos. O intrapsíquico é o ponto de investigação principal. Alguns dizem que Freud teria sido o primeiro terapeuta familiar, pelo atendimento do pequeno Hans, pela criação do complexo de Édipo, que partem em sua concepção, de observações familiares.

Já autores como Puget, Berenstein, Rojas são os iniciadores das terapias de casal e família pelo referencial da psicanálise das configurações vinculares. Além dos conteúdos inconscientes, trabalha-se na dimensão do inter-relacional, dos vários tipos de vínculos que se organi-

zam entre os indivíduos, e também no plano da transsubjetividade, ou seja, a influência do meio cultural sobre o psiquismo familiar.

Bateson, Andolfi, Minuchin, são autores que entendem a estrutura psíquica da família através do vértice sistêmico. Os profissionais que trabalham nesta linha não olham para o indivíduo sintomático, mas para a família, onde se acredita que cada membro alimenta e é capaz de transformar o outros.

Existe uma aproximação entre a linha sistêmica e a psicanalítica, no que tange ao fato de se entender que o grupo é representante psíquico do individual. O que diferencia estas duas abordagens, é que na psicanálise, os conteúdos inconscientes que emergem através das associações livres, os mecanismos de defesa, e os identificatórios são lidos e interpretados pelo psicanalista através da relação transferencial vivida no processo. Na linha sistêmica prevalece o pensamento circular, onde existe o fenômeno da retroalimentação, e repetição de sintomas; eles são entendidos como uma fabricação familiar.

A família em si já é considerada um grupo; alguns até consideram o casal como um grupo. No entanto, as famílias e casais diferem de outros grupos, principalmente quanto a sua dinâmica de funcionamento, uma vez que os vínculos afetivos entre os seus membros já existem, ao passo que em outros grupos eles vão se formando. Outro fator diferencial é a questão da comunicação. Nas famílias e casais já existe uma linguagem própria, enquanto que no grupo ela vai sendo desenvolvida. Os códigos e sinais, componentes de uma comunicação não verbal é bastante comum na linguagem familiar, e até são utilizadas por vezes, como um ataque ao terapeuta, ou uma forma de resistência para não se entrar em contacto com aspectos inconscientes dolorosos.

É de suma importância que o terapeuta perceba como é o funcionamento familiar, os tipos de vínculos que se estruturam, os mecanismos defensivos utilizados, para uma compreensão de sua dinâmica.

Mas, nem todo trabalho com casais e famílias parte de um objetivo estritamente psicoterápico.

Ele está sendo largamente usado em empresas familiares, em grupos de herdeiros de tais empresas, em hospitais, no judiciário, em escolas e demais instituições que trabalham nas áreas da infância e juventude.

Questões ligadas ao abandono de crianças, adoções, jovens transgressores, cada vez mais se dá importância ao trabalho familiar,

tanto ao nível de conscientização do problema, nas famílias de origem, quanto no preparo das famílias substitutas.

A violência nas escolas tem crescido assustadoramente nos últimos anos. Não é um problema nosso, mas mundial, fruto do processo da globalização. Cada vez mais tem sido utilizadas técnicas de trabalhos com grupos de pais ou de famílias, na área da educação. Isto tem trazido resultados surpreendentes, pois cria-se um espaço de acolhimento das angústias, de identificação dos problemas, e do sentimento de pertença a um grupo. Os resultados tem sido muito satisfatórios, pois eles aparecem num ritmo mais rápido que o trabalho individual. É a vivência emocional de que não se está só, e de que os problemas não acontecem somente comigo.

A violência intra-familiar ocorre em todas as classes sociais. Maria Amélia e Viviane Azevedo afirmam em estudos realizados no Laboratório de Estudos da Criança na Universidade de S.Paulo, que 75% das agressões físicas e 13% das sexuais às crianças, são feitas pelos pais. A violência física dos pais às crianças predominam nas classes baixas, enquanto que a humilhação e a falta de afeto que as pesquisadoras denominaram de violência psicológica, é mais freqüente nas classes sociais altas; surpreendentemente, a violência sexual ao menor, independe da classe social.

Criar um espaço de reflexão para pais e famílias na instituição, tem mostrado que se desenvolve um sentimento de familiaridade mais amplo, onde a casa, o hospital ou a cadeia pública passa a ser cuidada melhor, com afeto. Isto porque a instituição também está dando atenção e carinho; é o desenvolvimento do existir, da consideração por si mesmo e pelo outro, da responsabilidade, da integração. Assim vai se formando o sentido de cidadania e de amor ao próximo, através de vivências reais, não só de planejamentos escritos em papéis. É um pensamento preventivo, que além de menos oneroso ao país, dá frutos que vão amadurecendo, e passam a ser possíveis de serem bem aproveitados. É a maneira de se transmitir modelos e valores para as futuras gerações. É bem diferente a mentalidade de consertar o que já está estragado, pois é um modo de viver sem previsibilidade, sem projetos, e diria que também sem espaço para a esperança.

2. FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS HABILITADOS PARA O TRABALHO GRUPAL

É importante separar a formação de psicoterapeuta grupal e de família, da de coordenador de grupo.

O psicoterapeuta familiar e grupal geralmente é psicólogo ou psiquiatra, e passa por um processo de análise ou psicoterapia pessoal, por uma especialização no campo teórico e por supervisão dos casos clínicos, com uma pessoa de maior experiência. É uma longa e necessária trajetória profissional.

Penso ser importante oferecer aos coordenadores de grupos, subsídios teóricos relacionados ao modo de funcionamento da mente e a compreensão da dinâmica de grupos e famílias. Além da parte conceitual a presença de um supervisor com especialização em grupos e famílias, auxiliará os coordenadores a desenvolverem a capacidade perceptiva, daquilo que não é aparente o modo como as comunicações emergem, tanto verbais, quanto não verbais, os vários tipos de vínculos que se estruturam tanto na relação entre os membros de um grupo ou família, quanto na relação destes com o coordenador.

É bastante comum jogos de sedução de certos membros do grupo para atrair a atenção do coordenador, ou mesmo a formação de conluios e pactos inconscientes, que desviam o grupo da realização da tarefa proposta. É fundamental que os coordenadores desenvolvam esta percepção para identificar tais fenômenos emocionais.

Outro aspecto que julgo importante para um coordenador, é a disponibilidade, a facilidade e a empatia para estar em grupos. Uma pessoa que tem dificuldade para freqüentar atividades com muitas pessoas, geralmente, não se identifica com o trabalho grupal.

Se o coordenador tiver condições de ter uma experiência psicoterápica pessoal de grupos, auxiliará muito o seu trabalho, pois ao se conhecer mais profundamente, ao identificar os mecanismos psicológicos em si, terá mais facilidade de perceber no outro e no grupo. Para captar quando estou fugindo de um problema, ou quando coloco minhas coisas no outro, ou quando colocam em mim coisas que não são minhas, é necessário vivência. Claro que estou partindo de condições ideais, para posteriormente, ver quais são as possíveis.

Finalmente, é papel do coordenador do grupos ter critérios claros para a seleção dos componentes, número de participantes, tempo de

duração do trabalho, local e horário de funcionamento, enfim, o tipo de contrato a ser firmado com os participantes. É importante fazer cumprir o combinado, pois o coordenador acaba sendo um modelo identificatório para os componentes do grupo, e a sua palavra adquire uma força, pois está carregada de afetividade, devido aos vínculos que se estabelecem entre ele e os demais participantes (Blay Levisky, 1997).

3. RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA, ADOLESCÊNCIA, FAMÍLIA E CULTURA

A violência pode ser considerada uma patologia da pós-modernidade?

Qual a gênese deste fenômeno que aparentemente tem crescido nos últimos tempos?

São questões muito complexas, oriundas de um imbricamento de vários fatores. O assunto é amplo, e envolve questões ligadas a biologia, a sociologia, a filosofia, a antropologia, a psicologia, dentre outras ciências mais. Por isso o assunto é merecedor dos tantos compêndios altamente especializados, que encontramos nas livrarias.

No meu entender, assim como no de muitos estudiosos do assunto, a violência é fruto da inter-relação de fatores bio-psico-sociais. Ela é uma energia inata, presente em todos os seres vivos, e que pode ter um investimento construtivo ou destrutivo.

A violência apesar de ser um tema bastante atual, e manchete de noticiários no nosso dia-a-dia, ela sempre existiu, tanto na humanidade, quanto em fenômenos da natureza (catástrofes, inundações, terremotos, etc.).

Freud, em sua obra *Mal estar na civilização e na cultura* (1929), já dizia que os instintos de destrutividade existentes no Homem são os responsáveis pelo mal estar existente na civilização. Somos nós que destruimos, principalmente, quando agimos de modo impulsivo, quando não usamos nossa capacidade de pensar, aquela que deveria nos diferenciar na escala filogenética de outros animais. Quando agimos de modo instintivo, a violência é descarregada sem freios, e por isto é tão perigosa. É um modo primitivo de funcionamento mental, onde o indivíduo busca o prazer imediato, sem medir as conseqüências de seus atos.

Rascovsky (1975) em seu livro “Filicídio, violência e guerra”, diz que a guerra é um homicídio organizado e legal, e que uma de suas

causas é a “proeminente necessidade de perpetuar o sacrifício humano, especialmente na forma do holocausto dos filhos (filicídio), com todo o seu significado latente social e cultural primitivo”. Através de uma análise histórica mundial, nota-se que quanto maior o desenvolvimento da civilização, maior é a frequência de guerras.

Jurandir Freire Costa (1994) em seu livro “A ética e o espelho da cultura” afirma que a cultura é a “própria condição do homem no planeta. Se você ataca sistematicamente o equilíbrio cultural de um povo, você retira dos indivíduos seu único dispositivo para enfrentar a desordem e o vazio. Você se torna então um suicida”.

Penso que é o mesmo que dizer que uma sociedade mais contida, isto é, mais acolhedora das angústias existentes, cria o desenvolvimento de uma capacidade mais equilibrada para o enfrentamento de crises. Um meio social e uma família “bem estruturados” oferecem condições mais facilitadoras para conviver e lidar com os conflitos. Nos dias de hoje, diante do mundo agitado em que vivemos, das dificuldades econômicas, do crescente desemprego, da rapidez com que as coisas acontecem e são comunicadas pela mídia, o uso da internet que faz com que o mundo entre dentro de sua casa sem pedir licença, além de outros fatores inerentes ao progresso, tem contribuído para uma maior isolamento das pessoas. Percebo que até os adolescentes que tem como característica desta faixa etária viver em grupos, apesar de saírem juntos, freqüentam lugares onde não se conversa, dançam sozinhos. O beber muito, e outras drogas passam a ser o elo de união da turma. A comunicação fica restrita a frases curtas, com um pensamento pobre de elaboração. O vazio, o desamparo e a dificuldade de relacionamento predominam na juventude (Blay Levisky, 1998).

David Levisky, em seu livro “Adolescência, reflexões psicanalíticas” (1998), faz uma profunda análise das influências culturais sobre o processo de identificação do jovem na sociedade atual. Diz que o processo de identificação é resultante de uma multiplicidade de identidades parciais, e que ele será o agente modificador da cultura e também sofrerá as conseqüências destas mudanças. Acrescenta que a falta de ética, de cidadania, de limites influenciam no processo de identificação do jovem.

A adolescência é o momento emocional do desenvolvimento do ser humano no qual é possível viver o processo de ressignificações de certos materiais internalizados durante a primeira infância. É também

um momento de viver um processo de ruptura, de independência, a partir da separação dos pais; para isto os jovens necessitam desvalorizar

as figuras parentais, pois desta maneira sentem que se afastam sem perderem muito. Isto provoca também uma crise dos pais, que enfrentam uma outra etapa do desenvolvimento, a chamada “envelhecimento”. Isto me faz lembrar de uma frase de Balzac, no livro “A procura do absoluto”: “na vida íntima das famílias chega um momento em que voluntariamente ou involuntariamente, os filhos passam a ser juizes de seus pais”. Como esta inversão de papéis é dolorosa de ser vivida!

Mas, o que temos observado dentro da família do período Pós-moderno é a confusão dos papéis, fruto da ausência de hierarquia. Isto gera como uma das conseqüências, a falta de limites, uma vez que pais e filhos ficam indiferenciados. É comum nos dias atuais, alguns pais vestirem-se como os filhos, e mais do que isto, agirem como se fossem adolescentes; às vezes, não se sabe quem é pai, quem é filho, quem cuida de quem. A falta de clareza dos papéis promove uma desorganização interna e externa. Isto gera um sentimento de insegurança no jovem, que precisa ter um adulto para enfrentá-lo em suas reivindicações, e ajudá-lo a pensar e a se desenvolver.

Saber dizer não é importante, apesar da crise e do tumulto que isto gera. É a possibilidade de enquadrar-se dentro da realidade. Organizar horários para chegar, saber com quem o adolescente está saindo, que programa está fazendo é o equivalente à vivência emocional que o jovem tem alguém que se interessa por ele. Organizar o externo ajuda o adolescente a organizar o seu mundo interno.

A sexualidade está cada vez mais banalizada. Atualmente, os jovens tem se casado mais tardiamente, ou por questões objetivas, como por exemplo dificuldades de inserção no mercado de trabalho, ou por medo de não agüentar o relacionamento. O jovem quer ter alguém, mas não sabe se vai ser capaz de suportar a vida a dois, e nos primeiros desentendimentos se separam. A baixa tolerância à frustração é um dos fatores que explicam o grande aumento do número de divórcios.

A falta de esperança do jovem tem crescido com a globalização. Alguns escolhem a profissão que dá dinheiro, e não a que gostariam de se especializar, e nem isto é garantia de sucesso.

A independência da mulher também contribuiu para a crise na família. Se por um lado foi uma árdua luta conquistada pelo sexo feminino na busca de igualdade, gerou aspectos confusos. Muitas mulheres

deixaram de lado a sua feminilidade com a ilusão de crescimento pessoal. Em muitos casos trava-se uma competição pouco saudável entre o homem e a mulher.

Os papéis sexuais sofreram com isto. Os homens, que sempre tiveram a responsabilidade de representar o arrimo de família, perderam ou dividiram este lugar com as mulheres; por outro lado, ganharam a possibilidade de poder exprimir mais livremente a sua sensibilidade, chorar quando estão tristes, ou quando se emocionam. A queda do machismo tem contribuído para um alívio de muitos homens, que necessitavam vestir armaduras para parecerem fortes.

A família atual está modificada; os pais bastante confusos. Se forem muito abertos, passam por relapsos; se se fecharem demais, são vistos como “quadrados”, antiquados.

Estas questões tem levado a questionamentos da seguinte ordem: a família está em crise?

Acho interessante dizer que a origem etmológica da palavra crise (do grego, *krisis*) tem o significado de discriminação, de decisão. Portanto, estar em crise, envolve o desenvolvimento de uma melhor discriminação, de se chegar a uma decisão, e não o significado de ameaça, de extinção, de ruptura, como foi sendo estabelecido ao longo da história.

Em psicanálise diríamos que seria desenvolver uma capacidade para ressignificar conteúdos novos. Este processo não é fácil e vem acompanhado de sentimentos de dor e de ameaça, pelo desequilíbrio que o aparelho mental sofre. É preciso tempo, e uma mente amadurecida para suportar crises e dar-lhes um novo sentido, um novo olhar.

Diante de tantas mudanças, e da velocidade com que elas ocorrem, o trabalho com grupos de pais, ou grupos de famílias, tem ajudado a dar um suporte às angústias, a oferecer um espaço para trocas, para o pensar em grupo e no grupo. Isto traz como conseqüências, a possibilidade das pessoas se identificarem umas com as outras, não se sentirem sós e desamparadas, assim como ir em busca de saídas e soluções para os problemas.

Estes encontros são muito valorizados, pois são momentos em que as pessoas por estarem juntas, tem o conhecimento do que se passa umas com as outras, e consigo próprias.

Antes, existiam com freqüência os almoços de domingo, onde as famílias se reuniam e contavam as novidades. Hoje está ficando cada vez mais raro estes momentos.

Quando falamos em violência, não é preciso pensar somente nos assaltos, nas drogas, nas transgressões físicas. A violência é consequência de uma falta, de um vazio, que a família e a sociedade estão colaborando não só para o seu crescimento, como para a sua perpetuação.

Lembro-me de um jovem que chega desesperado em casa, pois dois moleques haviam roubado a sua bicicleta. Conta aos pais que tentou não entregar a bicicleta, mas que não teve jeito, pois os rapazes eram mais fortes que ele, e jogaram uma pedra em sua cabeça. Além de estar muito triste com o ocorrido, ficou irritado com a reação de seus pais, que deram uma bronca nele, por ter reagido contra os assaltantes.

Vejam a que situação chegamos! Brigamos com nossos filhos por defenderem os seus direitos!

Como se sabe, a família é em grande parte a responsável pela formação da identidade. O valor que as pessoas são capazes de dar à vida, acredito estar diretamente relacionado com a qualidade dos primeiros vínculos e das vivências familiares precoces.

Penso que um dos caminhos para resgatar o lado humanístico da sociedade seja o de investir na saúde mental do povo, pois desta forma teremos mais chances de sermos “seres pensantes”, para reconhecer e lidar com a nossa violência e com a violência de nossos semelhantes. A preservação de nossas heranças familiares, de nossos modelos, de nossos valores éticos, morais, religiosos e culturais são fundamentais para a formação da identidade dos cidadãos de hoje e de amanhã.

Gostaria de finalizar com um trecho do livro “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry:

Vem brincar comigo, propôs o principezinho. Estou tão triste...
Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. Não me cativaram ainda.
Ah, desculpa, disse o principezinho.
Após uma reflexão acrescentou:
Que quer dizer “cativar”?
Tu não és daqui, disse a raposa. Que procuras?
Procuro os homens disse o principezinho. Que quer dizer “cativar”? ...
É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa “criar laços”.
Criar laços?

Exatamente disse a raposa... Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás único para mim. E eu serei para ti único no mundo.

... A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não tem mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existe lojas de amigos, os homens não tem mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!

Que é preciso fazer?, perguntou o príncipezinho.

É preciso ter paciência, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anzieu, D. (1978) *El grupo y el inconsciente* Biblioteca Nueva, Madrid, Espanha.
- Azevedo, M. A. e Azevedo, V. In: *Folha de S.Paulo*, 24.05.1995. Maioria das agressões a crianças é feita por pais. S.Paulo, Brasil.
- Bion, W. R. (1970) *Experiências com grupos. Os fundamentos da Psicoterapia de Grupo*, Imago, Ed. Rio de Janeiro, Brasil.
- Blay Levisky, R. (1997) *Como trabalhamos com grupos*. Zimmerman, D. e Osório, L. C., org. pág. 311. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil.
- Blay Levisky, R. (1998) O que a sociedade atual espera dos jovens. O que os jovens esperam da sociedade. Um grupo de reflexão. In: *Adolescência, pelos caminhos da violência*, Levisky, D.L. (org.) Ed. Casa do Psicólogo, São Paulo, Brasil.
- Calil, V. L. L. (1987) *Terapia familiar e de casal*. Summus Ed., São Paulo, Brasil.
- Costa, J. F. (1994) *A ética e o espelho da cultura*, Ed. Rocco, Rio de Janeiro, Brasil.
- Foulkes, S. H. e Anthony, E. J. (1967) *Psicoterapia de grupo. Abordagem psicanalítica*. Bibl. Universal Popular, Rio de Janeiro, Brasil.
- Freire, P. (1996) Não se pode ser sem rebeldia. In: Entrevista de Sucupira, AC. Rev. Pais & Teens, nov.1996.

- Freud, S. Totem e Tabu (1912). *Obras completas*. Bibl. Nueva, Madrid, Espanha, 1973.
- Freud, S. Mal estar na civilização e na cultura (1929). *Obras completas*, Bibl. Nueva, Madrid, Espanha, 1973.
- Grinberg, L. e col. (1961) *Psicoterapia del grupo*. Ed. Paidos, Buenos Aires, Argentina.
- Kaës, R. e col. (1996) *Transmission de la vida psíquica entre generaciones*. Amorroutu Ed. Buenos Aires, Argentina.
- Levisky, D. L. (1998) *Adolescência. Reflexões psicanalíticas*. 2 ed. Casa do Psicólogo, São Paulo, Brasil.
- Moreno, J. L. (1930) *Psicodrama*. In: Osório, L. C. e col. *Grupoterapia hoje*. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil, 1993.
- Pichon Rivière (1977). *El processo grupal: Del psicoanálisis a la psicología social*
- Puget, J. e Berenstein, I. (1993) *Psicanálise do casal*, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil.
- Rascovsky, A. *Filicidio, violencia y guerra*. (1975) Schapire ed. Collection Tauro, Buenos Aires, Argentina.
- Saint-Exupéry, A. *O pequeno príncipe*. 24 ed. Ed. Agir, Rio de Janeiro, Brasil.
- Winnicott, D.W. (1975) *O brincar e a realidade*. Ed. Imago, Rio de Janeiro, Brasil
- Zimmerman, D. (1997) Classificação geral dos grupos, cap. 7, pág. 75 In: *Como trabalhamos com grupos*. Zimmerman, D. e Osório, L. C. org. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, Brasil.